

## OPORTUNIDADE RARA

\* Roberto Rodrigues

Todo mundo tem problemas. O que importa é como cada pessoa reage a eles. Há os derrotistas, que se entregam por se considerarem incapazes de enfrentá-los, há os que esperam ajuda para o enfrentamento e há os lutadores, que vêm nos problemas um inimigo a derrotar e, quem sabe, uma oportunidade...

Assim é também com as Nações e seus governos. Reagem diferentemente quando submetidos a crises abrangentes.

Estamos no olho do furacão de uma crise global deflagrada pelo desequilíbrio do sistema financeiro norte-americano e esparramada pelos cinco continentes. De uma forma ou de outra todos os países serão afetados em seus diversos setores econômicos, e todos perderão mais ou menos. Todos? Não seria possível encontrar oportunidades nesta crise? Em que países e setores?

O agronegócio brasileiro já se ressentia disto tudo: a alta dos custos de produção da safra que estamos plantando exige mais dinheiro por hectare em termos de crédito de custeio. Como os depósitos à vista diminuíram em função do fim da CPMF, caiu a oferta deste crédito. E a crise global ajudou a diminuí-lo, especialmente para exportação e nos financiamentos das multinacionais, tradings e moageiras, sobretudo de soja.

O problema está dado: uma safra mais cara com menos crédito. E pode piorar – não necessariamente, mas pode – se os preços das commodities agrícolas despencarem e, na pior das hipóteses, se o dólar se desvalorizar.

Isto não é provável, porque o fundamento essencial para os alimentos estarem com preços acima da média histórica persiste: a renda per capita dos habitantes dos países em desenvolvimento está crescendo 3,5 vezes mais, ao ano, do que a dos países desenvolvidos, onde a crise financeira é muito mais intensa. Como a oferta de alimentos não acompanhou o crescimento da demanda no mundo, os estoques mundiais diminuíram e os preços subiram. E isto não mudou. Portanto, só uma grande catástrofe levaria à redução significativa desta demanda entre os emergentes, derrubando os preços também aqui.

Mas, e se acontecesse? Seria ruim, porque os produtores rurais perderiam renda, ficando sem chance de plantar no futuro próximo, o que geraria inflação no Brasil, além de reduzir nossas exportações.

Como reagir a esta ameaça? Não é difícil, até porque o plantio de 2009 seria reduzido globalmente, os estoques seguiriam baixos e, quando a crise passasse – porque passará – os preços explodiriam.

Pois bem, o que nos cabe é garantir a capacidade produtiva de nossos agropecuaristas. Para isso, temos o instrumento: os preços mínimos. Se o governo decidir usar esta lei, existente há décadas, estará matando 3 coelhos de uma só cajadada: protegerá a renda rural, garantirá o abastecimento interno (sem efeito inflacionário) e permitirá a ocupação de espaços enormes nos mercados agrícolas internacionais.

E, de quebra, minimizará a crise internamente.  
É uma grande oportunidade que não pode ser perdida.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**